

## Nudez

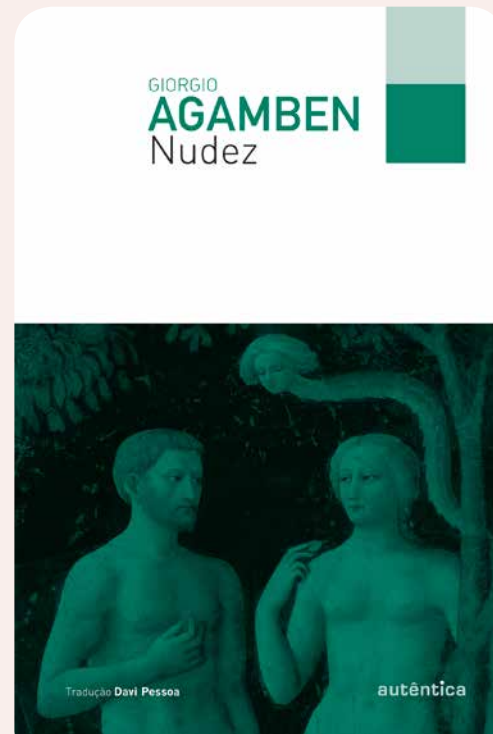
de Giorgio Agamben (2014)

**N**ão se julga um livro pela capa e, neste caso, nem pelo título. “Nudez”, de Giorgio Agamben, acaba sendo uma enrolação já que apenas um único ensaio entre os dez editados aborda o tema. A saída da editora foi dizer que o filósofo “desnuda literalmente o homem contemporâneo”, ou seja, fala-se de um outro tipo de nudez: a do desvelamento.

A editora ainda diz que este ensaio é o... ah... coração do livro onde “o desencantamento da beleza na nudez, quando esta exhibe a simples aparência sem nenhum segredo e para além de qualquer significado oculto, desativa o dispositivo teológico, com seus dualismos alma-corpo, aparência-essência, e deixa ver o corpo humano como inaparente”. Para isso, Agamben utiliza uma performance como gatilho. Ele ficou observando a reação das pessoas ao verem cem mulheres nuas (na verdade, vestiam colãs transparentes) de pé e imóveis em um museu alemão. Ao perceber a relação de poder entre quem está nu e está vestido, notou também o quanto isso se dilui quando quem está nu está indiferente. Então resolve desenvolver por páginas e páginas a questão da nudez teológica – sim, a de Adão e Eva que está na imagem da capa e nos direciona para um tipo específico de nudez ao contrário do que a editora tenta nos vender – e traz poucos dados interessantes, como:

*Antes da queda, mesmo sem estarem cobertos por nenhuma veste humana, não estavam nus: estavam cobertos por uma veste de graça, que os envolvia tal como um traje glorioso. É dessa veste sobrenatural que o pecado os despe [...] Isso significa que a nudez se dá para os nossos progenitores no Paraíso terrestre somente em dois momentos: uma primeira vez, no intervalo, presumivelmente muito breve, entre a percepção da nudez e a confecção da tanga, e uma segunda vez, quando se despem das folhas de figueira para se vestirem com as túnicas de pele. E, mesmo nesses instantes fugazes, a nudez só acontece, por assim dizer, negativamente, como privação da veste de graça. [...] O pecado não introduziu o mal no mundo, mas simplesmente o revelou. [...]*

\* Leia mais sobre a nudez de Adão e Eva (e suas consequências na Arte) na *Falorragia* da sexta edição.



Capa do livro lançado pela Autêntica.

*O nudismo como um novo ideal social, reconciliado com a natureza do homem, isso foi possível apenas opondo à nudez obscena da pornografia e da prostituição [...], ou seja, evocando inconscientemente a concepção teológica antiga da nudez inocente como veste de graça. [...]*

*Na narrativa do Gênesis, o fruto que Eva oferece a Adão provém da árvore do conhecimento do bem e do mal e, segundo as palavras tentadoras da serpente, é destinado a fazê-los “abrir os olhos”. [...] O único conteúdo do conhecimento do bem e do mal é, portanto, a nudez. [...] A nudez, que os primeiros homens viram no Paraíso quando os seus olhos abrirem, é, portanto, abertura da verdade, da ilatência que por si mesma torna possível o conhecimento. Não estarem mais cobertos pela veste da graça não revela obscuridade da carne e do pecado, mas a luz da cognoscibilidade. Por trás da pressuposta veste da graça não há nada, e exatamente esse não ter nada por trás de si, sendo pura visibilidade e presença, é a nudez. E ver um corpo nu significa perceber a sua pura cognoscibilidade para além de qualquer segredo, para além ou aquém dos seus predicados objetivos.*

Mais um autor deixa claro o quanto a Igreja transformou a nudez em algo ruim, fosse pecado da carne (ou a descoberta da sexualidade), fosse distanciamento espiritual (ou o entendimento da existência independente de Deus). Agamben mostra através de escritos eclesiásticos como se deu essa mudança, essa dominação do corpo/carne, esse poder sobre a sexualidade humana.

Neste ensaio, o filósofo tenta ainda costurar Sartre, cartazes de moda, estátuas anatômicas e um bate-papo frugal sobre rugas que teve com amiga mulheres que o leva a pensar sobre a beleza. São tantas digressões que o assunto nudez, de repente, desaparece. Agamben parece querer explicar o sadomasoquismo ou reduzir questões femininas num claro texto feito por um homem branco europeu, que, obviamente, só pensa na nudez da mulher e esquece da sua própria. **8=D**

Vanessa Beecroft e as cem mulheres nuas na Neue Nationalgalerie, em Berlim (2005).

